

Artigo Original

## REFLEXÕES SOBRE POÉTICA EM CRÔNICAS DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES

### REFLECTIONS ON POETICS IN THE CHRONICLES OF ANTÔNIO LOBO ANTUNES

Cláudia Amorim

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*Resumo:* Esse artigo examina nas crônicas de Antônio Lobo Antunes algumas observações que o escritor faz acerca de sua própria escrita e da recepção crítica de suas obras. Nesse sentido, essas crônicas funcionam como apontamentos paralelos ao seu processo de criação romanesca. Nelas, observa-se ainda o exercício experimental da escrita encontrado em seus romances, além do da construção imagética de que o escritor faz uso na sua construção literária. Com isso, as crônicas parecem funcionar como espaço de reflexão de uma poética própria, vigorosamente perseguida pelo escritor no seu processo criativo.

*Palavras-chave:* Crônicas; Metatexto; Poética; Antônio Lobo Antunes

*Abstract:* This article examines in the chronicles of Antônio Lobo Antunes some observations that the writer makes about his own writing and the critical reception of his works. In this sense, these chronicles work as parallel notes to his process of novelistic creation. In them, we can still observe the experimental exercise of writing found in his novels, in addition to the imagery construction that the writer makes use of in his literary construction. With this, the chronicles seem to function as a space for reflection of a poetics of their own, vigorously pursued by the writer in his creative process.

*Keywords:* Chronicles; Metatext; Poetics; Antônio Lobo Antunes

#### Introdução

Com uma vasta produção romanesca e significativa produção cronística, Antônio Lobo Antunes é um escritor cuja obra rendeu e continua a render inúmeros artigos, dissertações e teses não só em Portugal, mas em diversos países na Europa e fora dela. No Brasil, há muito sua obra é estudada por professores e pesquisadores de diversas instituições universitárias.

Como escritor prolífico, com produção de romances de grande fôlego, Antônio Lobo Antunes continua a provocar os seus leitores e

também os que o leem no domínio da crítica. São por demais conhecidas algumas observações contundentes de Antunes sobre a crítica literária, especialmente a portuguesa.

Destacamos aqui duas dessas observações, retiradas de diferentes entrevistas concedidas pelo escritor. Para Clara Ferreira Alves, em entrevista concedida em 1983: “Do público não tenho a mínima razão de queixa. Quanto aos críticos, em Portugal a crítica é inexistente” (Antunes apud Arnaut, 2011, p. XXIII). Em outra entrevista, concedida a Rodrigues Silva e a António Tavares Teles, em 1996, diz o escritor: “Eu, desde 79, que ando a ensinar os meus críticos a ler” (Antunes apud Arnaut, 2011, p. XXIII).

Conforme observa Ana Paula Arnaut (2011), a opinião de Antunes sobre os seus críticos é geralmente depreciativa, mas o autor “abre uma exceção para Óscar Lopes, Jacinto do Prado Coelho e Eduardo Lourenço” (Antunes apud Arnaut, 2011, p. XXIII).

De certo modo, o que o autor parece reivindicar é uma leitura de sua obra a partir não propriamente da temática que a crítica já identificou como uma constante em seus romances, como o país e as questões identitárias, a guerra na África, a crueldade do colonialismo, a incomunicabilidade nas relações familiares, a fragilidade do sujeito etc. Embora esses temas emanem dos seus labirínticos textos em prosa-lírica, é para o labor estilístico-criativo que o autor chama a nossa atenção.

Não que seus críticos não o tenham observado. Ao contrário, em Portugal, Maria Alzira Seixo e Ana Paula Arnaut, por exemplo, desde que o escritor publicou suas primeiras obras na década de 1980, sublinharam com acuidade a particularidade da construção textual antuniana, para além da temática mais encontradiça em seus romances. A sua construção literária peculiar é hoje sobejamente conhecida, embora esteja sempre a nos surpreender.

Como já observamos em outra ocasião, especialmente nos seus últimos romances, sua escrita apresenta-se fragmentada e é

[...] marcada sobretudo pela quebra da linearidade discursiva, pela decomposição da palavra, pela inusitada pontuação, entre outros recursos. A inovação formal e a disposição gráfica de sua escrita provocam o efeito de estranhamento e a esse aspecto se somam ainda algumas marcas da estética pós-moderna como a polifonia, o discurso metaficcional, entre outros. A torção discursiva do estilo do autor constrói uma série de imagens em que abundam algumas figuras de palavras, como a comparação, a metáfora; figuras de pensamento, como a hipérbole; figuras de sintaxe e semântica como a hipálage, além de estribilhos (repetições), resultando em um discurso delirante e imagético (Amorim, 2013, p. 155).

Para além desse experimentalismo narrativo, António Lobo Antunes parece desafiar os limites entre os gêneros, apresentando muitas passagens em que o lirismo é predominante, assim como em outras parece nos colocar, enquanto leitores, diante de uma cena dramática cujo vigor é dado pela fala dos personagens, quase sempre vivendo dramas estáticos em espaços desprovidos de ação, como a representarem um drama (ou monólogo) psicológico. Poderíamos selecionar alguns exemplos de suas narrativas em que essas características se evidenciam, mas certamente o leitor de sua obra já se familiarizou com essa faceta literária do escritor que mesmo no espaço da página dos seus romances inova, imprimindo com as palavras e sua disposição gráfica uma certa plasticidade.

Parece-nos que essa construção narrativa em seus romances demonstra-se formulada em suas reflexões sobre escrita num outro tipo de narrativa, que é a crônica. Funcionando como metatextos, essas crônicas são o lugar de apontamentos que, paralelamente à escrita romanesca, num viés reflexivo e experiencial, caracterizam um tipo de laboratório poético. Não será necessário sublinhar que o texto cronístico, cuja temática é ampla e muitas vezes se aproxima do cotidiano de quem escreve, presta-se perfeitamente para sustentar reflexões de toda ordem, inclusive sobre o processo da escrita.

Como molduras artístico-textuais da matéria dos seus romances, as crônicas dialogam com esses últimos, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à forma. Sobre essa aproximação entre esses diferentes textos, Marcelo Duarte Mathias, ao analisar o *Livro de crônicas* (1995), observa:

[...] julgo no entanto que neles, por igual, se evidenciam alguns traços marcantes da conhecida expressividade do autor. A agudeza na observação, a vivência das coisas e dos seres, o realce no pormenor aliado a esta permanente recriação da linguagem, são-nos familiares. E ainda, aqui e ali, na fulgurância do olhar, notas que lembram planos e ângulos cinematográficos (Mathias apud Arnaut, 2011, p. 145).

Ao eleger as crônicas de Antunes, deter-me-ei naquelas em que o escritor – à parte de alguma ficção que toma forma nesse gênero textual – refere-se a si mesmo, à sua escrita e/ou à sua obra. Trata-se de estudo preliminar, uma vez que utilizarei um conjunto de crônicas retiradas de duas grandes antologias: uma brasileira (*As coisas da vida. 60 crônicas*), publicada pela editora Objetiva em 2011, e outra portuguesa, mais recente (*As crônicas*), publicada pela editora Dom Quixote, em 2021.

## A crônica antuniana: o tempo da reflexão e do experimento

António Lobo Antunes publicou cinco livros de crônicas que entremeiam a publicação regular de seus romances: Livro de crônicas (1998), Segundo livro de crônicas (2002), Terceiro livro de crônicas (2005), Quarto livro de crônicas (2011), Quinto livro de crônicas (2013). Se a primeira antologia que aqui utilizaremos é publicada no mesmo ano em que o escritor lança o seu Quarto livro de crônicas, a antologia portuguesa, mais recente, a princípio tem como fonte toda a obra cronística de Antunes.

Neste artigo, utilizaremos as crônicas: Receita para me lerem, De Deus como apreciador de jazz, A compaixão do fogo, Retrato do artista quando jovem II, Em caso de acidente, António 56 ½, Os computadores e eu.

No E-Dicionário de Termos Literários, dirigido por Carlos Ceia, lê-se no verbete crônica:

No séc. XIX, o desenvolvimento da imprensa periódica, e, em especial, da de opinião, vai fazer emergir a crônica no sentido moderno. No início, ela era apenas uma pequena secção de abertura que dava conta das notícias e dos rumores do dia, mas tenderá a alargar-se e a especializar-se pelo interior do periódico (crônica artística, literária, musical, etc.). Depois, ela desloca-se para o “folhetim”, secção do rodapé da primeira página do periódico, lugar de que se libertará mas onde conquistará a colaboração de homens de letras e, com isso, um espaço entre Jornalismo e Literatura. A sua identidade apoiar-se-á cada vez mais na autoria: a realidade social, política, cultural, etc. tornar-se-á progressivamente o quadro onde o cronista procura e selecciona qualquer facto quase como pretexto para discursar, opinar e, até mesmo, efabular. Deste modo, a crônica esteticiza-se [...] (grifo nosso. Fonte: <https://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/cronica>). Acesso em 15 de junho de 2022).

Como uma escrita que se pauta no cotidiano e em assunto social, político, cultural etc., a crônica também pode ser um espaço de reflexão pessoal, muitas vezes permitindo um viés autobiográfico daquele que escreve, na abordagem tanto de sua domesticidade, quanto de seu ofício. A autoria, ou seja, o autor como um narrador em primeira pessoa, é flagrante em muitas das crônicas. Nas crônicas antunianas, esse aspecto autobiográfico está presente, por exemplo, nas alusões à família (irmãos e pais), às filhas, ao distrito onde habitava (Benfica), bem como na inclusão do autor em seu mister. Interessam-nos essas últimas, que selecionamos numa primeira leitura das duas antologias anteriormente referidas.

Começemos por analisar a crônica em que, respondendo aos críticos que o leem, António Lobo Antunes cria ironicamente uma espécie de ‘manual’ de leitura de sua obra. Em “Receita para me lerem”, o escritor não só discorre sobre o modo como deseja que seus romances sejam lidos, como utiliza, na construção dessa crônica, a sua peculiar fragmentação discursiva.

Diz o autor:

Sempre que alguém afirma ter lido um livro meu fico decepcionado com o erro. É que os meus livros não são para ser lidos no sentido em que usualmente se chama ler: a única forma

parece-me

de abordar os romances que **escrevo é apanhá-los do mesmo modo que se apanha uma doença. [...] Aquilo a que por comodidade chamei romances, como poderia ter chamado poemas, visões, o que se quiser, apenas se entenderão se os tomarem por outra coisa** (Antunes, 2011, p. 51, grifos nossos).

Nessa introdução, Antunes fragmenta a linearidade discursiva de sua “receita”, destacando uma oração subordinada (*parece-me*), que induz à própria reflexão sobre o que escreve, ou seja, o escritor parece considerar a afirmativa que faz no mesmo instante em que a enuncia. Também pode soar como uma espécie de modéstia (ou falsa modéstia) do autor ao falar de si mesmo. De todo modo, a ambiguidade dessa construção vai ao encontro das muitas quebras discursivas que o escritor utiliza em suas narrativas romanescas, seja para dar ênfase à fala de um personagem, seja para enfatizar o discurso do narrador, numa desconstrução lógica.

Para além desse aspecto formal do fragmento em destaque, interessante notar a aproximação que o escritor faz entre o seu universo romanescos e a doença. O romance, portanto, toca algo doloroso, que é próprio da natureza humana. A seguir, o autor acrescenta que o que chamou romances, por comodidade, poderia ser também tomado por poemas ou por visões. Estamos, portanto, diante da diluição de fronteiras entre gêneros, uma vez que o escritor e os leitores parecem distinguir algo em sua escrita que habita o reino da palavra poética, dos poemas. Outro ponto a se considerar, nessa comparação, é a inclusão de uma designação fora do domínio textual (visões). Num outro nível de construção poética, associa-se a escrita à visão (ou visões), portanto, à imagem. Poesia é imagem igualmente. E o escritor parece aqui sublinhar que em seu processo narrativo está presente uma evocação imagética (ou poemática), sem a qual não se pode entender o que se escreve. Ou seja, em suas próprias palavras, é preciso tomar sua escrita “por outra coisa” (Antunes, 2011, p. 51).

Mais adiante na mesma crônica, dirigindo-se mais diretamente ao leitor a quem ensina a “ler”, observa: “A verdadeira aventura que proponho é aquela que o narrador e o leitor fazem em conjunto ao negrume do inconsciente, à raiz da natureza humana” (Antunes, 2011, p. 51). Interessante observar que, para o escritor, essa faceta da sua escrita suplanta mesmo àquela que denomina como a menos importante de seus livros, como “o país, a relação homem-mulher, o problema da identidade e da procura dela, África e a brutalidade da exploração colonial, etc.” (Antunes, 2011, p. 51).

Na base das relações humanas e do que se insere em um espaço/tempo, está, para ele, a raiz da natureza humana, o inconsciente. A densidade psicológica das personagens romanescas de Antunes é um traço constante e perceptível desde os seus primeiros romances. E o que configura essa densidade é o discurso que tais personagens apresentam. Seus discursos expressam a complexidade que se manifesta na “racionalidade truncada” (Antunes, 2011, p. 51), o que implica igualmente a sintaxe truncada com que as personagens interagem entre si e com o seu meio.

Nessa mesma crônica, o escritor, após destacar a importância da raiz da natureza humana e manifestar que todos se vejam nessas intrincadas personagens, afirma ainda que em seus romances não existem, grosso modo, narrativas:

E a surpresa vem de não existir narrativa no sentido comum do termo, mas apenas largos círculos concêntricos que se estreitam e aparentemente nos sufocam. E sufocam-nos aparentemente para melhor respirarmos. [...] Reparem como as figuras que povoam o que digo não são descritas e quase não possuem relevo: é que se trata de vocês mesmos. Disse em tempos que o livro ideal seria aquele em que todas as páginas fossem espelhos: reflectem-me a mim e ao leitor, até nenhum de nós saber qual dos dois somos. Tento que cada um seja ambos e regressemos desses espelhos como quem regressa da caverna do que era (Antunes, 2011, p. 52-53).

Os “largos círculos concêntricos”, de que nos fala Antunes, são, antes de tudo, vozes enunciativas cujas falas se misturam a outras vozes do romance, num emaranhado linguístico que na estrutura romanesca assume mesmo uma plasticidade abstrata. Como já observamos em outra ocasião<sup>1</sup>, a

---

<sup>1</sup> Essa aproximação entre a narrativa de Antunes e a pintura de Kandinsky foi por mim feita em resenha para a Colóquio Letras, por ocasião da publicação do romance Casas que adormecem (2014). Essa aproximação está originalmente presente na dissertação de mestrado, por mim orientada, de Maria Clara António Jerônimo que faz uma abordagem de romances do escritor em aproximação com algumas telas de Kandinsky. (Cf. Amorim, Cláudia. Recensão.

narrativa de Antunes parece assemelhar-se a telas de Wassily Kandinsky, em que as figuras-manchas se mostram entranhadas umas às outras. Em termos linguísticos, é como se as vozes das personagens não cessassem de falar e suas falas se erguessem num emaranhado plástico de figuras-manchas.

Do mesmo modo que podemos associar a sua peculiar construção literária às telas do pintor russo, num diálogo interartes (literatura e pintura), o seu texto também parece evocar a música, como uma sofisticada partitura musical. Essa observação fez o próprio escritor na crônica “De Deus como apreciador de jazz”, mostrando o quanto a sua criação é devedora de *performances* estilístico-musicais de alguns renomados músicos de jazz. Diz o escritor na referida crônica:

Sempre que me falam de palavras e influências rio-me um pouco por dentro: quem ajudou de facto a amadurecer o meu trabalho foram os músicos. A minha estrada de Damasco ocorreu há cerca de dez anos, diante de um aparelho de televisão onde um ornitólogo inglês explicava o canto dos pássaros. Tornava-o não sei quantas vezes mais lento, decompunha-o e provava, comparando com obras de Haendel e Mozart, a sua estrutura sinfónica. No fim do programa eu tinha compreendido o que devia fazer: utilizar as personagens como os diversos instrumentos de uma orquestra e transformar o romance numa partitura. Beethoven, Brahms e Mahler serviram-me de modelo para *A ordem natural das coisas*, *A morte de Carlos Gardel* e *O manual dos inquisidores*, até me achar capaz de compor por conta própria juntando o que aprendi com os saxofonistas de jazz, principalmente Charlie Parker, Lester Young e Ben Webster, o Ben Webster da fase final, de Atmosfera para amantes e ladrões, onde se entende mais sobre metáforas directas e retenção de informação do que em qualquer breviário de técnica literária. Lester Young, esse, ensinou-me a frasear (Antunes, 2011, p. 49).

Ao comparar a sua criação romanesca à partitura de uma composição jazzística, António Lobo Antunes mostra-nos um pouco do seu processo de escrita. Frasear na música é saber conjugar som e silêncio, é desafiar o próprio silêncio, em acordes demiúrgicos e inolvidáveis. Seja pelo fraseado do narrador, seja pela inserção instrumental das diversas falas dos personagens, em consonância/dissonância com outras falas ou em sentidas enunciações solo, ergue-se do enredo do romance essa complexidade vocal, que ora se harmoniza, ora se diferencia das demais num estranho acento. Trata-se de uma inusitada aproximação frasística que delinea o quanto a desarmonia

estruturante própria do jazz, como composição marcada pela notação dissonante, corresponde estilisticamente à singular poética antuniana.

Em outra crônica, denominada “A compaixão do fogo”, na qual o escritor fala inicialmente dos prêmios que lhe foram galardoados e de como isso pouco representou em sua relação com a escrita, Lobo Antunes também discorre sobre os seus romances dispostos na estante de casa e sobre o seu processo de criação como um movimento de construção/desconstrução.

[...] Olho para as estantes e o que vejo são pequeninos túmulos fechados com cadáveres lá dentro, aos quais me repugna oferecer os jacintos que se compram no portão a vendedoras ambulantes de lágrimas. **A minha tarefa consiste em desfazer livro a livro os tricots que construí, em desmontar os estados de alma que criei, em jogar para o lixo as estátuas que pretendi que admirassem, em ser suficientemente corajoso a fim de subverter as leis que tomei como dogmas, em tomar balanço a pés juntos, sobre os meus erros, para chegar mais longe,** o que me impede a satisfação da felicidade mas me reserva a esperança do prazer dos leitores. E não existe aqui altruísmo algum porque não sou um escritor generoso: apenas um homem de orgulho que julga que ser dotado é ir além do que pode. (Antunes, 2011, p. 44, grifos nossos)

Nessa passagem da crônica, fica claro o desejo do escritor de “desfazer os tricots”, que no exercício da escrita se compuseram. Parece haver uma permanente experimentação em seu processo de escrita, marcada pelo fazer e desfazer, que lhe permite então dar início novamente, como num continuum, a mais uma elaboração poética.

Mais adiante, nessa mesma crônica, observa o escritor que o pior que pode acontecer a uma obra de ficção é ela apresentar uma ideia muito forte, uma vez que isso condiciona e limita a criação. Em seguida, acrescenta:

É impossível escrever sem contradição, tortura, veemência, remorso e essa espécie de fúria indignada das sarças ardentes que lança as emoções umas de encontro às outras num exaltamento perpétuo. As ideias muito fortes desaguam nas certezas e onde estiverem certezas a arte é impossível (Antunes, 2011, p. 44).

Enfrentando as contradições e as incertezas, o escritor constrói o seu texto labiríntico de vozes, como uma torção na qual imprime a fúria indignada, mas acrescenta-se também, uma surpreendente ternura, de certo modo demonstrando que a matéria de sua arte literária é composta por disposições contrárias (ferocidade e ternura).



Essa contradição torna-se mais evidente na torção que sua escritura apresenta. Como se sabe, a linearidade narrativa, nos romances antonianos, dá lugar às intercalações de palavras, expressões, frases; a inversão comparece em suas construções imagéticas, a que se somam também outras figuras de linguagem, num complexo tecido narrativo em que um ou vários narradores se intercalam em enunciações, muitas vezes dissociadas de lógica, pautadas inclusive por silêncios carregados de opressão. Nesse sentido, não está ausente da narrativa antuniana um tom monocórdico, em que uma voz apenas dobra-se sobre si mesma, numa discursividade espiralada e solitária.

A escrita é sempre um processo doloroso para o escritor, ao que parece, mas resulta de um desejo que surge ainda na infância, como nos narram algumas crônicas. Em “Retrato do artista quando jovem II”, o escritor faz seu autorretrato, pintado com ironia, uma autoironia fina, que mostra o seu nível de exigência com a escrita.

[...] começava nebulosamente a entender que existia uma diferença entre escrever bem e escrever mal. Mais tarde, ao dar conta que existia uma diferença ainda maior entre escrever bem e obra de arte foi a angústia completa. Achei-me uma besta

era apenas um garoto pateta

voltei ao princípio e nunca mais mostrei o que fazia a ninguém. Durante vinte anos trabalhei diariamente os meus dejectos, perplexo e angustiado, com a insatisfação de ainda hoje e alguma rara alegria que, ao reler a frio, notava ser desadequada e cretina. Comecei a fazer a barba. Acabei um curso que nunca me interessou. Fui à guerra. Vim da guerra. Passei nove anos com um romance imprestável. E de subido, sem que me fosse óbvio o porquê ou o como, um feto qualquer deu uma cambalhota na minha barriga e iniciei a Memória de elefante, Os cus de Judas, o Conhecimento do Inferno e por aí fora, até àquele que comecei em julho desse ano [...]. (Antunes, 2011, p. 56)

A angústia da criação aparece ainda na crônica “Em caso de acidente”, em que se observa como o exercício da escrita não é uma ação ordenada e racional, mas uma experimentação que parte da inquietação pessoal. Nessa crônica, o escritor discorre sobre a angústia que o assola no processo mesmo de escrita, e da sensação de que não o termina.

Hoje estava capaz de me ir embora: as paredes da casa apertam-se, tudo me parece tão pequeno, tão inútil, tão estranho. Fazer romances. Publicá-los.

Esperar meses pelo novo romance. Fazê-lo. Publicá-lo. Receber telefonemas do agente acerca de contratos, de traduções, de prêmios. Receber as críticas da editora, longos cortejos de elogios sem nexo de quem não entendeu e louva sem haver compreendido. Ou então sou eu que não compreendo. De qualquer forma não leio o meu trabalho: limito-me a produzi-lo e, uma vez terminado, a minha cabeça gira na direção do que vem a seguir. Abandonar todas essas páginas também. Hoje estou mesmo capaz de me ir embora antes que fique louco como os cães, correndo em círculos na noite. (Antunes, 2011, p. 63-64).

Escrever é um processo doloroso, que nasce da inquietude, assume a forma de uma alucinação e tem a ver com a memória, como já teria dito Lobo Antunes. Toda arte parece surgir desse vigoroso e exaustivo enfrentamento.

Se articulamos aqui uma aproximação da escrita antuniana com a pintura e com a música, em particular com o jazz, sendo essa última anunciada pelo próprio escritor, estamos no domínio do diálogo interartes que a narrativa antuniana estabelece. Contudo, não podemos deixar de mencionar outro aspecto característico da construção textual do escritor português: o apagamento das fronteiras entre os gêneros que a sua escrita promove. Já observamos anteriormente como a sua escrita tem como matéria uma certa agressividade e também um certo lirismo. O aspecto lírico já observado por muitos dos seus críticos é aqui salientado por Carlos Reis, na análise que faz das crônicas:

Textos como este fixam-se, do meu ponto de vista, no lugar indeciso onde as fronteiras dos gêneros se diluem e onde o discurso se torna ambivalente. Quero dizer, para mim, em textos como este mostra-se-nos um escritor que, sem anular a sua condição de grande narrador, deixa transparecer também essa irrefreável vocação (quer dizer: o apelo) que é a de um lirismo ainda por explodir (Reis apud Arnaut, 2011, p. 207).

Diversos estudiosos da obra de António Lobo Antunes, como Maria Alzira Seixo e Ana Paula Arnaut, por exemplo, já destacaram o traço lírico que emerge inúmeras vezes das narrativas do escritor. Nas crônicas, esse traço também se faz presente e muitas vezes, intercalando-se a uma agressividade constante, é um aspecto “ainda por explodir”.

Em “António 56 ½”, encontramos traços desse lirismo na percepção do escritor sobre o tempo que corre. Na maturidade, o escritor lança o olhar para o passado, resgatando o jovem aspirante a escritor que era.

[...] Aos vinte anos julgava que o tempo lhe resolvia os problemas: aos cinquenta dava-se conta de que o tempo se tornara o problema. Jogara tudo no acto de escrever, servindo-se de cada romance para corrigir o anterior em busca do livro que não corrigiria nunca, com tanta intensidade que não lograva recordar-se dos acontecimentos que haviam tido lugar enquanto os produzia. Essa intensidade e esse trabalho faziam que não sofresse outra influência que não fosse a sua nem erigisse como modelo nada fora de si, embora o tornassem mais sozinho do que um casaco esquecido num quarto de hotel vazio, enquanto o vento e a desilusão fazem estalar, à noite, a persiana que ninguém fechou. Não conhecendo a tristeza sabia o que era o desespero: o próprio rosto no espelho para a barba da manhã, ou antes não um rosto, pedaços de rosto reflectidos numa superfície inquieta, incapazes de construir o presente, devolvendo-lhe fragmentos soltos de passado que não se ajustavam

(tardes no jardim, bibes, triciclo)

e transmitindo mais um sentimento de estranheza que uma lembrança comovida, o qual ajudava para ajudar a sonhar os que não tinham coragem de sonhar sem ajuda [...] (Antunes, 2011, p. 59).

Sem perder o lirismo ou com “lirismo por explodir”, o narrador das crônicas aparece em seu métier, pensando o seu ofício, a literatura, a sua recepção crítica. Se há angústia no processo, ele também é marcado por um viés lírico.

Na crônica “A Feira do Livro”, também se nota a inserção de um lirismo na narrativa, quando o escritor, na companhia de uma das filhas, participa de uma feira de livros e parece, até certo ponto, alhear-se do propósito de ele estar ali quando reflete sobre o quanto seu tempo com a filha parece ser roubado nesses momentos e o quanto a convivência com as filhas torna-se mais e mais relevante diante de um mundo organizado pelas convenções. Nessa crônica, a par do lirismo, há um autorretrato irônico de si mesmo, que o torna um homem deslocado, ainda que dotado de sucesso no campo literário.

A Feira do Livro é estar sentado debaixo de um guarda-sol às listras a dar autógrafos e a comer os gelados que a minha filha Isabel vai trazendo de uma barraquinha três editoras adiante, preocupada com as atribulações de um pai suado, de repente da idade dela, a escrever dedicatórias, de língua de fora, numa aplicação escolar. Isto não é uma queixa: gosto das pessoas, gosto que me leiam, gosto sobretudo de conhecer as pessoas que me lêem e me ajudam a sentir que não lanço ao acaso do mar garrafas com mensagens corsárias que não se sabe onde vão ter, e gosto dos romances que escrevi. Tenho orgulho neles e tenho orgulho em mim por ter sido capaz de os fazer (Antunes, 2011, p. 35).

De certo modo, nas crônicas em que o escritor renomado aparece tendo de responder publicamente por isso, seja numa Feira do Livro, seja na ocasião em que recebe prêmios, parece haver de sua parte um deslocamento, uma sensação de estar fora de lugar, como um dos personagens de seus romances.

Na crônica “Os computadores e eu”, também se observa esse mesmo deslocamento ou descentramento em relação ao social e aos compromissos que advêm do ofício do escritor.

Diz o escritor:

Julgo não ter medo da morte, não ter medo do dentista, não ter medo da lepra, não ter medo dos políticos, mas tenho medo dos computadores. Tenho medo da sua falsa inocência, da sua submissão aparente, da sua eficácia tenebrosa, do seu ódio silencioso e vesgo. Já me engoliram um romance inteiro, já me transformavam capítulos em poesia experimental, já retiraram ossos dos meus parágrafos reduzindo-os a um puré de adjectivos.

Por isso escrevo à mão. Escrevo à mão para que os erros sejam meus e as personagens iguais às da minha cabeça e não resultado da imaginação delirante e asséptica de uma disquete esquizofrênica, inventando situações desconfortáveis e aberrantes como as dos sonhos das gripes (Antunes, 2021, p. 87).

Observa-se que não só o processo de escrita tende a ser um doloroso mergulho na densidade de que somos feitos, como também as consequências de se ter tornado um escritor com vasta obra e muito reconhecimento, por vezes, parecem pesar-lhe ou roubar-lhe alguns momentos do doméstico sossego. Contudo, a escrita permanece como um exercício de pensamento que, nas crônicas, constitui-se como uma reflexão à parte e, por vezes, metatextual sobre o próprio texto.

### **Considerações finais**

Como um sujeito à margem, tal como um dos seus personagens, o escritor revela em suas crônicas uma faceta do mundo da sua escrita, do seu processo criativo, do desejo de que seja lido por leitores que tomem os seus livros por outra coisa, da influência da música, do papel da crítica e da sua relação com o público e com o mundo da literatura. Nessa construção literária, vislumbrada reflexivamente nas crônicas, pode-se perceber ainda uma aproximação entre o estilo do escritor e as telas de Kandinsky no que

tange às personagens-manchas ou figuras-manchas inacabadas que, por meio de seus discursos emaranhados, não se distinguem umas das outras. Num outro diálogo interartes, o jazz, como uma arte musical, com fraseado singular e inusitado, é, segundo o escritor, o seu horizonte de estilo literário, ou a influência mais direta sobre sua criação.

Além disso, há de se falar no retrato ou autorretrato do escritor nas crônicas, oferecendo-nos um outro lado de sua escrita e de sua faceta do escritor. Como um apontamento singular, essas crônicas revelam e escondem o escritor em seu métier, num retrato a preto e branco que diz muito também sobre a sua pictórico-musical construção romanesca.

## Referências

- AMORIM, C. Casas que ardem invisíveis. Recensão. In: **Colóquio** Letras. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 152-157.
- AMORIM, C. Da fragmentação do discurso e da palavra: a escrita delirante de António Lobo Antunes. In: **MATRAGA**. Estudos Linguísticos e Literários. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Rio de Janeiro: UERJ / De Letras, 2013, p. 155-172.
- ANTUNES, A. L. **Algumas crônicas**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- ANTUNES, A. L. **As coisas da vida**. 60 crônicas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- ANTUNES, A. L. **As crônicas**. Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa. Lisboa: Dom Quixote, 2021.
- ARNAUT, A. P. (Org.). **António Lobo Antunes**. A crítica na imprensa. 1980-2010. Cada um voa como quer. Lisboa: Almadina, 2011.
- CEIA, C. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <https://edtl.fesh.unl.pt/> Acesso em: 15 jun. 2022.
- JERÔNIMO, M. C. A. **Uma casa, um tempo de espera e silêncio**: uma leitura de Ontem não te vi em Babilónia e O arquipélago da insónia, de António Lobo Antunes. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UERJ, 2011.
- MATHIAS, M. D. **As crônicas de Lobo Antunes**. Ferocidade e ternura. In: ARNAUT, A. P. (Org.). António Lobo Antunes. A crítica na imprensa. 1980-2010. Cada um voa como quer. Lisboa: Almedina, 2011, p. 145-146.
- REIS, C. A arte da crônica. In: ARNAUT, A. P. (Org.). **António Lobo Antunes**. A crítica na imprensa. 1980-2010. Cada um voa como quer. Lisboa: Almadina, 2011, p. 203-207.